

As Águas e o Seco: um Ensaio sobre Redenção e Salvação de Israel na Bíblia Hebraica.

The Waters and the Dry: An Essay on the Redemption and Salvation of Israel in the Hebrew Bible

Suzana Chwartz

Universidade de São Paulo, 2018

Palavras-chave: criação, dilúvio, êxodo, salvação, Israel, Bíblia hebraica.
Keywords: creation, deluge, exodus, salvation, Israel, Hebrew Bible.

No primeiro capítulo do livro do Gênesis, as águas primordiais que recobrem o abismo são inertes e inférteis. Despido do seu caráter mitológico, o mar da criação é impotente. E, no entanto, represar as águas constitui um passo vital para a criação do cosmos ordenado: no segundo dia, Deus separa as águas em superiores e inferiores, estendendo entre elas o firmamento, para em seguida represá-las, confinando-as a um só lugar, para que o seco, designado aí como *yabasháh*, apareça e a criação continue seu curso.

A gênese de Israel na História também é marcada pela vitória sobre o mar: Deus, ao fender, i.e. separar, as águas do Mar dos Juncos, revela o seco (*yabasháh*) que constituirá o caminho pelo qual passarão os israelitas.

Das mesmas águas, reunidas e tornadas letais, Deus cria uma sepultura para os egípcios. As águas assumem a sua suprema valência negativa no episódio do Dilúvio: são águas inumeráveis, superiores e inferiores novamente misturadas, perfazendo a trajetória inversa da criação.

A terra seca que finalmente emerge das águas constitui um polo de salvação, assim como o caminho no fundo do Mar dos Juncos e o seco de Gênesis 1, todos designados pela mesma palavra-guia: *yabasháh*.

O mesmo eixo simbólico marca o retorno dos exilados na Babilônia a Sião, no século 6 a. E.C., alinhando este evento histórico aos episódios da Criação, Dilúvio e Êxodo.

Todos esses episódios cosmogônicos – a criação do universo, o dilúvio, a gênese de Israel na história (travessia do mar dos Juncos) e sua regeneração e renascimento (o retorno dos exilados a Sião) compartilham um amplo arcabouço figurativo, de profundo significado teológico-uterino, ao colocar no mesmo plano

simbólico a arca, a cesta de Moisés (ambas designadas pela palavra-guia *tevah*, de provável origem egípcia ¹) e as muralhas de Jerusalém.

A caminho da Terra Prometida, os filhos de Israel atravessaram o mar; mas esse mar não foi o Mar Vermelho. Como está no Cântico que celebra a travessia:

“Os carros do faraó e suas tropas ao mar lançou;
a elite de seus cavaleiros no Mar dos Juncos afundou.”
Êxodo 15:4 ²

Todos sabem onde fica o Mar Vermelho, mas ninguém sabe ao certo onde é o Mar dos Juncos (*yam suf*). *Yam* é a palavra semita para mar, e *suf*, junco, é uma palavra egípcia, como tantas outras no relato do Êxodo.

Os estudiosos ainda não chegaram a um consenso sobre sua localização, sendo mais provável que pertença ao conjunto hídrico da região do delta do Nilo, onde os israelitas viviam desde os tempos de José.

Como *yam suf* se transformou em Mar Vermelho ?

Na Septuaginta, composta na Alexandria dos séculos 3 e 2 a.E.C., os tradutores substituíram o Mar dos Juncos do hebraico original pelo Mar Vermelho, *Erythra Thalassa*, uma tradição que se consolidou na Vulgata, onde o o mar do Êxodo é denominado *Mare Rubrum*.

Uma vez que a Bíblia hebraica passou a ser conhecida no mundo como o Antigo Testamento do cânone cristão, o famoso Mar Vermelho engolfou o obscuro Mar dos Juncos, que permaneceu reduto de um exíguo grupo de eruditos que estudam as Escrituras em sua língua original.

Conheciam os tradutores alexandrinos o Mar dos Juncos ? Tanto pode ser que sim como não. Mas não era essa a questão que os mobilizava. O foco dos tradutores era caracterizar o Mar da Travessia como um empecilho implacável: o mar a ser enfrentado, fendido e atravessado a pé enxuto tinha que ser um símbolo flagrante e inequívoco do caos; tinha que ser enorme, poderoso, ameaçador.

Apenas dois mares se prestariam a tal caracterização: o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. O primeiro, conhecido nos tempos bíblicos como o Grande Mar ou o Mar dos Filisteus, foi descartado no próprio relato bíblico por razões estratégicas, uma vez que às suas margens foram edificadas sólidas praças- forte egípcias. A outra opção era o Mar Vermelho. Assim, o texto original foi corrompido em favor da grandeza do mar.

Thalassa, que significa mar em grego, era a deusa que personificava o mar primordial, juntamente com seu contraparte *Pontus*, na mitologia grega.

Não se pode descartar a possibilidade de esse fator ter influenciado a decisão dos tradutores, uma vez que no Oriente Médio antigo, o mar primordial é personificado por deusas e deuses, muitas vezes concebidos como horrendos

¹ BROWN, DRIVER, BRIGGS. Hebrew and English Lexicon; acessado em biblehub.com.

² Citações bíblicas são da edição AA – Almeida Atualizada (biblia.com.), exceto quando assinalado de outra forma; a transliteração segue o padrão coloquial, que prioriza a pronúncia correta do hebraico bíblico pelo leitor; neste sistema, deve-se pronunciar *ch* como *j*, em espanhol.

monstros híbridos, serpentes e dragões, invariavelmente derrotados pelo deus-herói em um feroz combate primevo, no início dos tempos.

No épico mesopotâmico *Ennuma Elish*, Marduk triunfa sobre a furiosa mãe-mar, o monstro Tiamat, e com sete ventos revolve suas entranhas, após sua morte – uma ação que precede a divisão de sua carcaça em céus e terra.

No épico canaanita, Baal derrota o mar, uma entidade masculina, designada no mito como o príncipe Yam (mar), o juiz Nahar (rio), Lotan (que equivale ao Leviatã bíblico) o dragão de 7 cabeças, e Tanin, antes de construir seu palácio e ser entronizado como deus chefe do Panteão.³

Ecossistemas de um embate semelhante com o mar e monstros marinhos mitológicos reverberam nas palavras do salmista e dos profetas.

“Tu, porém, ó Deus, és meu rei desde a origem
que opera libertações pela terra;
Tu dividistes o mar com teu poder,
quebrastes as cabeças dos monstros das águas.”
Salmo 74:12-13

Fortemente enraizado na tradição popular de Israel, esse mito atravessa gerações: o livro apócrifo de Enoc (60:7-8) registra a existência de um monstro fêmea chamado Leviatã, que habita os oito abismos do oceano e que é derrotado pelo Deus de Israel.; Daniel, em suas visões simbólicas, descreve quatro ventos tempestuosos que agitam o grande mar, do qual emergem quatro bestas, que simbolizam caos e destruição.

No relato da criação do universo, no primeiro capítulo do livro de Gênesis, predomina o mistério da imponência da presença e da criatividade divina. As águas primordiais, que recobrem o abismo, não são ameaçadoras nem perigosas, mas inertes e inférteis. Deus não encontra oposição, porque o caos aquoso do Gênesis, uma vez desprovido de qualquer caráter mitológico, torna-se impotente.

E, no entanto, represar as águas do abismo é um passo vital para a criação do cosmos ordenado: no segundo dia da criação, Deus separa as águas, que tudo recobrem, em águas superiores e inferiores, estendendo entre elas o firmamento, para em seguida represá-las, confinando-as a um só lugar, de modo que o seco (*yabasháh*) apareça e a criação continue seu curso, com a invenção da natureza, condição primordial para toda e qualquer vida na terra.

Assim o mar é domado e dominado, desmitificado e despersonalizado; é Deus quem define sua essência, conferindo a ele seu nome: *yam*; e, nas entrelinhas, derrotando as divindades a ele associadas, inclusive os grandes monstros marinhos (*hataniním hagedolím*) que receberiam seu golpe de misericórdia ao serem criados, no quinto dia, juntamente com outras criaturas que rastejam e que foram trazidas pelas águas matriciais, a comando de Deus.⁴

³ Mitos do Antigo Oriente Médio em Textos do Antigo Oriente Médio. VV.AA. São Paulo: Paulus, 1985.

⁴ É importante notar que os monstros marinhos, assim como céus e terra e o humano são criados pela forma verbal *bara'*, cujo único sujeito é Deus em toda a Bíblia hebraica e que pode ser tra-

A gênese de Israel na História também é marcada pela vitória cosmogônica sobre o mar: Deus, ao fender, i.e., separar as águas do Mar dos Juncos, revela o seco (*yabasháh*) que constituirá o caminho pelo qual passarão os israelitas. Das mesmas águas, reunidas e, assim, tornadas letais, Deus cria uma sepultura para os egípcios, associados ao monstro marinho Raab, em Isaías 30:7.

A travessia do mar pelos israelitas se nutre também do episódio do Dilúvio, quando as águas assumem a sua suprema valência negativa: são águas inumeráveis, que procedem da abertura simultânea das comportas do céu e das fontes do abismo, águas superiores e inferiores novamente misturadas, perfazendo a trajetória inversa da criação.

São águas matriciais, mas em seu sentido devorador e aprisionador, uma vez que traga e extermina toda a criação, maculada pelo *hamas*, termo bíblico que designa a maldade e a corrupção da humanidade, tão ofensiva a Deus, que o faz se arrepender de ter criado a terra e os homens, como se lê em Gênesis 6:5-6,12-13:

“Viu o Senhor que era grande a maldade (*hamas*) do homem na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente.

Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

.....

Viu Deus a terra,
e eis que estava corrompida

.....

Então disse Deus a Noé:

O fim de toda carne é chegado perante mim;
porque a terra está cheia da violência (*hamas*) dos homens;
eis que os destruirei juntamente com a terra.”

A terra seca que, finalmente, emerge das águas do dilúvio, constitui um polo de salvação, assim como o caminho no fundo do Mar dos Juncos e o seco de Gênesis 1, todos designados pela mesma palavra-guia: *yabasháh*.

O mesmo eixo simbólico marca o retorno dos exilados a Sião, no século 6 a. E.C., alinhando esse evento histórico aos episódios da criação, dilúvio e êxodo.

Novamente a história impõe aos israelitas o percurso servidão – liberdade, morte-vida e Deus reconduz o seu povo à terra natal, da mesma forma como os conduziu, no passado, à terra prometida.

Todos esses episódios cosmogônicos – a criação do universo, a vitória mitológica sobre o mar, a gênese de Israel na história (travessia do mar dos Juncos) e sua regeneração e renascimento (o retorno dos exilados) – compartilham, além do significado teológico, um amplo arcabouço simbólico, e são celebrados conjuntamente pelo profeta Isaías, em um canto seminal, que evoca a ação salvadora de Deus e a superação de todos os medos – mitológicos e mundanos:

duzido como engendrar; já os outros verbos empregados para designar a ação criadora de Deus compartilham uma dimensão concreta, como fazer, construir e modelar.

“Desperta, desperta,
 veste-te de força, ó braço do Senhor;
 desperta como nos dias da antigüidade,
 como nas gerações antigas.

Porventura não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe,
 e traspassou ao dragão,
 Não és tu aquele que secou o mar,
 as águas do grande abismo?

o que fez do fundo do mar um caminho,
 para que por ele passassem os remidos?

Assim voltarão os resgatados do Senhor,
 e virão com júbilo a Sião;
 e haverá perpétua alegria sobre as suas cabeças;

gozo e alegria alcançarão,
 a tristeza e o gemido fugirão.
 Eu, eu sou aquele que vos consola;
 quem, pois, és tu, para teres medo dum homem, que é mortal,
 ou do filho do homem que se tornará como feno;
 e te esqueces de Senhor, o teu Criador,
 que estendeu os céus, e fundou a terra,
 e temes continuamente o dia todo
 por causa do furor do opressor,
 quando se prepara para destruir?

Onde está o furor do opressor?
 O exilado cativo depressa será solto,
 e não morrerá para ir à sepultura,
 nem lhe faltará o pão.

Pois eu sou o Senhor teu Deus, que agita o mar,
 de modo que bramem as suas ondas.
 O Senhor dos exércitos é o seu nome.

E pus as minhas palavras na tua boca,
 e te cubro com a sombra da minha mão;
 para plantar os céus, e para fundar a terra,
 e para dizer a Sião: Tu és o meu povo. “
 Isaías 51:9-16

Nesse poema, o povo de Israel é criado diretamente pelo Deus demiurgo. Muito antiga, essa auto-percepção de Israel figura no Cântico do Mar, que celebra a travessia do mar dos Juncos, uma das poesias mais importantes e autoritárias do cânone judaico, na qual se emprega o verbo do radical *qana'* com o sentido arcaico de formar, como se lê em Êxodo 15:16-17.

Na qualidade de redentor, Deus assegura a seu povo – os redimidos do Egito, nos tempos antigos, e os redimidos do exílio da Babilônia – a proteção de sua presença, que supera os limites da realidade:

“Quando passares pela água, estarei contigo;
quando passares rios, não te submergirão, quando andares pelo fogo, não te queimarás.”
Isaías 43: 2-3

A simbologia da salvação divina que promove a interconexão entre os episódios, permite ao leitor-ouvinte apreender a magnitude do plano divino para Israel e seu nexos lógico, muitas vezes tornado incompreensível pelo caráter fragmentado de toda experiência humana.

Enquanto a terra seca pavimenta, com seu pó, o caminho da salvação, muralhas, muros e paredes envolvem Israel num amplexo protetor, um claro apelo à simbologia uterina.

Muito coerentemente, a salvação de Deus brota do sentimento misto de amor e fidelidade que Deus nutre por Israel, designado em hebraico como *rachamím*, derivado *réchem*, que significa útero.

As muralhas de água, que ladeiam os israelitas durante a travessia do Mar dos Juncos, remetem às muralhas de Jerusalém e as paredes protetoras da arca de Noé e da cesta de Moisés⁵.

“Quando os filhos de Israel passaram pelo meio do mar, as águas eram para eles como um muro à direita e à esquerda.
Naquele dia, o Senhor salvou Israel das mãos dos egípcios. “
Êxodo 14: 29-30

Coerentemente, as muralhas de Jerusalém são agentes da salvação divina:

“Naquele dia cantar-se-á este cântico na terra de Judá:
temos uma cidade forte, para nossa salvação; ele nos deu muro e antemuro.
Aos teus muros chamarás Salvação e às tuas portas
‘Louvor’.”
Isaías 60: 18

Até que muralhas se tornem desnecessárias: Deus, essencialmente transcendental, torna-se imanente para assegurar a salvação de Israel:

“Pois eu, diz o Senhor, lhe serei um muro de fogo ao seu redor...”
Zacarias 2:5

Essa ideia nos remete novamente ao Êxodo do Egito: antes de enfrentar o mar, os israelitas têm que enfrentar o deserto, sendo que essas duas esferas são equivalentes, no que diz respeito a seu potencial de morte e destruição.

“Com certeza estão desorientados, perplexos; fechou-se sobre eles o deserto” dirá o faraó⁶ sobre o destino provável desse povo de pastores, que não conhece

⁵ O termo *tevah* designa tanto a arca de Noé como a cesta do bebê Moisés, ambas flutuando nas águas, guiadas apenas pela providência divina.

⁶ Êxodo 14:3

o deserto e seus perigos. O deserto de fato teria sido a sepultura dos filhos de Israel, se Deus não tivesse se postado à frente do povo, como uma coluna, para guiá-lo dia e noite, evitando que vagassem sem rumo e se perdessem na aridez incomensurável do deserto de Shur.

“E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, a fim de que caminhassem de dia e de noite.

Não desaparecia de diante do povo a coluna de nuvem de dia, nem a coluna de fogo de noite.”

Êxodo 13: 21-22

Em um dado momento, os israelitas se encontram acuados entre o deserto e o mar: estão de costas para o deserto – onde acampam os egípcios com suas hostes – sem poder retornar, e de frente para o mar, sem poder avançar.

A Bíblia hebraica, com sua força de síntese e incomparável e brilhante simplicidade, compõe uma das mais expressivas imagens da proteção divina: a mesma coluna que seguia à frente para guiar, desloca-se para trás para proteger.

“Então o anjo de Deus,
que ia adiante do exército de Israel,
se retirou e se pôs atrás deles;
também a coluna de nuvem se retirou de diante deles
e se pôs atrás, colocando-se entre o campo dos egípcios e o campo dos israelitas;
assim havia nuvem e trevas;
contudo aquela clareava a noite para Israel; de maneira que em toda a noite não se aproximou um do outro.”

Êxodo 14:19

O díptico luz e trevas, somado ao universo simbólico que une todas essas passagens, literalmente ilumina o seu nexos: pela força de sua ação criadora, Deus triunfa sobre as forças primordiais do caos.

A esse caos, no entanto, foi agregado um elemento da História, que substitui o monstro mitológico e lhe confere uma dimensão moral. Esse elemento são os egípcios e os babilônios, cuja dissolução moral remete ao *hamas*, a corrupção da humanidade na história do Dilúvio.

Israel, criada diretamente por Deus, é como o cosmos ordenado: emerge das trevas para a luz, do mar para a terra seca, da inércia de servir a um homem que se crê deus (o faraó) e a um povo idólatra (os babilônios) ao ímpeto de finalmente cumprir sua missão universal.

Deus cria e escolhe Israel para servi-lo, como um sacerdote serve no Templo, e assim, refletir na terra a santidade do próprio Deus.

“Eu sou o Senhor que vos faço subir da terra do Egito para que eu seja o vosso Deus; sereis santo, porque eu sou santo.”

Levítico 11:45

Fala à Congregação dos Filhos de Israel e dizê-lhes:

Sereis santos porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo.”

Levítico 19:2

Portanto, os criou; à sua imagem e semelhança os criou. Salvação e criação unem-se em Israel, entrecruzando suas sendas.

Se Deus é fonte perpétua de luz para Israel, como afirma o profeta, é em Israel que reside a luz primordial, criada no primeiro dia.

E, ao estabelecer Israel “ como uma luz para as nações “, Deus estende a sua salvação à humanidade.

“Levanta-te, resplandece,
 porque é chegada a tua luz,
 e é nascida sobre ti a glória do Senhor.
 Pois eis que as trevas cobrirão a terra,
 e a escuridão os povos;
 mas sobre ti o Senhor virá surgindo,
 e a sua glória se verá sobre ti.
 E nações caminharão para a tua luz,
 e reis para o resplendor da tua aurora.

.....
 Não te servirá mais o sol para luz do dia,
 nem com o seu resplendor a lua te iluminará;
 mas o Senhor será a tua luz perpétua,
 e o teu Deus a tua glória. “
 Isaías 60:1-3; 19.

Bibliografia

AA – Almeida Atualizada. Disponível em <https://pesquisa.biblia.com.br/pt-BR/AA>
 VV. AA. (1985). *Mitos do Antigo Oriente Médio em Coletânea de Textos do Antigo Oriente Médio*.
 São Paulo: Paulus.

Resumo

Este ensaio explora o eixo simbólico a alguns dos episódios cosmogônicos na Bíblia hebraica, a saber, a reunião das águas da criação, o desfecho do Dilúvio, a gênese de Israel na história com a travessia do Mar dos Juncos e o retorno dos exilados a Sião.

Tendo como ponto de partida a palavra-guia *yabasháh* (seco) propõe-se um percurso analítico com o intuito de elucidar a magnitude do plano divino para Israel, bem como o seu nexos lógico.

Abstract

This essay explores the symbolic axis to some cosmogonic episodes in the Hebrew Bible, namely, the gathering of the waters of creation, the closure of the Flood, the genesis of Israel in history through the crossing of the Sea of Reeds, and the return of the exiles to Zion. Taking as its starting point the guide word *yabasháh* (dry), this essay proposes a new platform for the apprehension of the magnitude of the divine plan for Israel, as well as its logical nexus.